



Sons e silêncios⁽⁷⁾

A música e o sentido utilitário das escolas portuguesas

M. Helena Vieira

Todos conhecemos pessoas que se dedicam à música, quer profissionalmente, quer para a ocupação de tempos livres. De umas e de outras se diz que têm *queda* para a música, ou que têm *veia* artística ou musical. Talvez se perceba que é só concretizando a *queda* que se mostra a *veia*, e o que nela corre (para salientar o que de interior têm estas metáforas, que sugerem que a arte é algo que vem de dentro, que circula no sangue, ao contrário de uma qualquer habilidade adquirida num curso rápido de computadores ou de dactilografia). Acima de tudo, o que se torna óbvio é que a sensibilidade popular intuitiva que a *queda* (ou a *veia*) para as artes é um dom (a questão do carácter hereditário ou não desse dom ficará para outra crónica).

Poucas disciplinas ou áreas do saber gozarão de um estatuto tão místico como as artes. Na verdade, ninguém afirma "o meu filho tem veia para a química" ou "ai, a Joaninha, tem tanta queda para o direito!"... Há saberes para os quais o gosto, ou a queda, apesar de eventualmente pre-

sentes, não interessam tanto como os objectivos sociais e profissionais a que se destinam. Ninguém estuda português para se tornar um escritor ou um poeta (embora isso possa acontecer); ninguém estuda matemática para se tornar um matemático (embora isso também possa acontecer). A maior parte das disciplinas existe no currículo do ensino básico inserida num leque de saberes desenhados para servir objectivos profissionais concretos e futuros... Futuros engenheiros, futuros advogados, futuros professores disto ou daquilo, futuros comerciantes, futuros empregados, futuros tanta-coisa... Com tanto futuro pela frente e tanto trabalho para lá chegar, à espera de ser feliz, falta muitas vezes na escola a gratuitidade do estudo pelo estudo, do saber pelo saber. Falta muitas vezes, por isso mesmo, o prazer. Falta mais quem estude o português por amor à língua materna e à poesia, e a matemática por amor ao raciocínio abstracto, tal como a música só se pode estudar por amor à música.

E a música, então? Como se justifica num currículo de tradição utilitária? Para que serve? Para que serve o violino a um engenheiro ou o saxofone a um juiz? Para que serve o acordeão a um vendedor de automóveis ou a flauta a um

polícia? Como costuma dizer o povo, farão tanta falta "como uma viola num enterro"... (Quem já foi a enterros poderá, contudo, constatar a absurdidade deste ditado, e confirmar a minha ideia de que, independentemente do morto já nada ouvir, ver ou sentir, é a reunião dos vivos em sua memória que se torna muito mais significativa quando acompanhada por música...).

Quem estuda música, o canto ou um instrumento, estuda pura e simplesmente para cantar e tocar. Se gosta e progride, então a profissão poderá vir a ser uma consequência natural. Talvez assim devesse ser com todas as outras profissões... Talvez essa inteireza, essa recusa da subserviência utilitária dos saberes, essa cultura da paixão pelo belo e pelo rigor no que se faz seja algo que a música, enquanto disciplina, pode ajudar a cultivar nos jovens. Talvez o estudo da música de forma prolongada, como se faz noutros países, acabasse também com este mito da genialidade que anda associado às artes, e que faz ver em criaturas com dotes medianos autênticos Mozarts do teclado electrónico. Talvez ser capaz de tocar um instrumento devesse ser tão comum como ser capaz de ler, escrever ou fazer contas...

Estas não são ideias

de hoje. Na verdade, por mais absurdo que pareça, são ideias que têm encontrado resistência desde que delas há notícia, há quase dois mil anos. Quintiliano (nascido cerca de 35 D.C.) perguntava na sua *Institutio Oratoria*: "Como é que um homem será um melhor advogado ou conselheiro por ter aprendido a distinguir as notas da lira pelos seus nomes e intervalos?". A resposta é dada mais à frente: "Formamos nas nossas mentes um conceito ideal do orador perfeito, que não apresenta deficiências de conhecimento em nenhuma área". Na formação do cidadão, afirma Quintiliano, "o estudo da geometria e da música, além dos seus estudos especializados, ajudá-lo-ão a encaminhar-se para a perfeição". E explica melhor, estabelecendo um paralelo: "Os antídotos, os venenos e outros compostos [...] são, como observamos, feitos de um grande número de ingredientes, muitas vezes contrários uns aos outros nos seus efeitos, e destes diversos elementos é feita aquela única mistura que é diferente de qualquer um dos seus ingredientes, mas que toma as suas propriedades particulares de todos eles". É portanto legítimo concluir, utilizando as palavras de um curricularista actual (C. Varela de Freitas), que um currículo que não contemple a música no con-

junto global das disciplinas e no percurso global do aluno é um "currículo mutilado", ao qual falta um ingrediente essencial, mesmo para a formação de advogados, engenheiros ou comerciantes.

No caso daqueles que nasceram com uma vocação especial para a música, o melhor será esperar que tenham a sorte de que lhes seja detectada atempadamente a aptidão, e que possam ser orientados para escolas onde possam receber a formação adequada. Numa escola onde não se ensinasse o português, quem fosse capaz de ler o rótulo da lata dos feijões seria um Camões

autodidacta. Numa escola onde não se ensinasse a matemática, quem fosse capaz de fazer as contas da economia doméstica seria um Bento de Jesus Caraça! Numa escola onde praticamente não se ensina música, os que a praticam são autênticos sobreviventes do nosso sistema de ensino - e nunca chegaremos a saber até que nível poderia ter chegado a sua arte. Se Mozart nascesse hoje em Portugal, seria provavelmente muito infeliz nas nossas escolas - e viria, talvez, a abrir uma sapataria.

Sugestões de Concertos

Sábado, 16 de Junho - Auditório Municipal de Vila do Conde, 21.30h

Concerto Final das Classes de Conjunto, Conjuntos Instrumentais e Coro da Academia de Música S. Pio X

Sábado, 16 de Junho - Auditório da Biblioteca Municipal de Santo Tirso, 21.30h

Recital de guitarra clássica por Paulo Peres e Maria Paula Marques

Quinta-feira, 21 de Junho - Auditório Municipal de Vila do Conde, 21.30h

Recital de Piano por Paulo César Oliveira
Sexta-feira, 22 de Junho - Auditório da Escola Municipal de Música da Póvoa de Varzim, 21.30h

Audição Final de Alunos
Quinta-feira, 28 de Junho - Auditório Eng. Eurico de Melo, Santo Tirso, 21.30h

Recital de guitarra clássica por Paul Galbraith
Programa: Transcrições para guitarra de obras de J. S. Bach